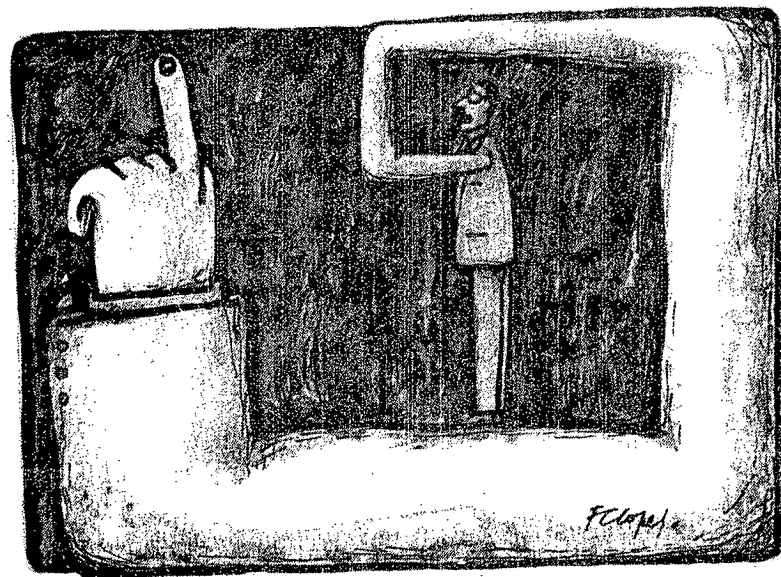


INTENÇÃO E REALIDADE

Josaphat Marinho

Em declarações à imprensa espanhola, o presidente da República brasileira fez afirmativas merecedoras de exame e reflexão. Asseverou que seu "projeto é fazer crescer a economia numa situação de globalização". Esclareceu que, "frente a isso, como há uma grande desigualdade, o Brasil necessita reorganizar o Estado". E adiantou: "Estamos favoráveis à presença mais ativa do Estado, um Estado que possa alcançar os mais pobres oferecendo saúde, educação". Com espírito crítico acentuou que os "da esquerda não têm projeto". A par disso, informou que "as previsões não eram seguras e diziam que a seca atingiria áreas limitadas", só havendo sinal de alerta "em março último".

Em primeiro lugar, note-se que o presidente, acusando os "da esquerda" de não terem projeto, indica que não está entre eles. Sendo certo que não é comunista, e sabido que os socialistas integram a esquerda, onde estará ele? Pela política desenvolvida, situar-se-ia no quadro bilateral ou neoliberal, tanto que desarmou o Estado de instrumentos básicos no plano social e econômico. Extinguiu o monopólio do petróleo, privatizou a Companhia Vale do Rio Doce, eliminou vantagens que a Constituição atribuía às empresas brasileiras diante das de capital estrangeiro. Adotando a política de globalização, sem correções, favorece aos que podem e desserve aos mais pobres. Agora mesmo o jornal *O Estado de S. Paulo* (20/5), em seu principal editorial, ressaltou que "a globalização só tem sentido se melhorar as condi-



ções de existência do homem em toda parte". É notório, porém, que assim não ocorre.

Desse modo, é estranhável que o chefe do governo se declare favorável "à presença mais ativa do Estado, um Estado que possa alcançar os mais pobres, oferecendo educação, saúde". Não terá "presença mais ativa" o Estado que abdica de forças ordenadoras da vida coletiva, ampliando a ação da economia privada capitalista. Demais, onde não há planos estabelecidos não se pode cogitar de governo que promova a felicidade geral, pois a conquista do bem-estar social depende de providências duradouras, de médio e longo prazo. O desemprego crescente é prova da falta de medidas articuladas e programadas com visão larga. Sinal evidente dessa situação é o que se tem verificado na quantidade de candidatos a concur-

sos abertos. Neste mês de maio, mesmo, em Salvador, para habilitação a concurso destinado a prover cargo modesto, remunerado por menos de R\$ 200,00, foram milhares os postulantes, em extensas filas em todos os locais de inscrição.

Fato bastante indicativo da inexistência de planejamento ou de correta programação é o que se apura com a seca no Nordeste. Como se trata de fenômeno cíclico, há longo tempo, não pode o governo desculpar-se por não ter adotado providências preventivas e de socorro, adequadas. A previsão de estiagem prolongada não permitia que o governo permanecesse inerte, desatento à necessidade de preparar medidas de alcance maior, distintas da rotina de insuficiente distribuição de cestas básicas, sobrevindos os efeitos da calamidade. Males que se repetem sempre, e ho-

je mais previsíveis, requerem ação cautelosa dos governos prudentes. De temeridade semelhante é o fato de a administração deixar os servidores públicos sem qualquer melhoria salarial por quase quatro anos. Tanto mais explicável é o procedimento oficial porque se trata de categoria que, em grande parcela, não tem outra fonte de renda senão a remuneração do cargo. Enquanto isso, a inflação retida já não basta para conter a elevação de preços. A imprensa noticia o aumento da cesta básica, salientando que o preço do feijão subiu cerca de 50%, nos últimos três anos.

Todos esses elementos mostram que a orientação sustentada pelo pensamento presidencial não conduziu, até aqui, à construção de bem-estar coletivo. Se o presidente variou de princípios, porque "o mundo mudou", como ele disse, nem por isso o caminho há de ser o da sua preferência. Cumpre ver outras vias para mudança, pelas quais o homem público também pode "ser considerado intelectualmente competente". A mudança proveitosa, em política, é a que promove a felicidade geral. Se a globalização, como a experiência tem demonstrado, mantém injustiça e desigualdades, urge pelo menos alterá-la, para modificar os seus efeitos. Importante não é a submissão a um sistema, ainda que prevalecente, mas fazer dele força geradora de desenvolvimento, justiça social e paz. É o papel da inteligência, a serviço da sociedade.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia